



ROBERTO

**ÁGUAS-FORTES
PORTENHAS**

SEGUIDAS DE

ÁGUAS-FORTES CARIOCAS

TRADUÇÃO MARIA PAULA GURGEL RIBEIRO

ILUMINURAS

CADEIRA NA CALÇADA

Chegaram as noites das cadeiras na calçada, das famílias plantadas na porta de suas casas; chegaram as noites do amor sentimental do “boa-noite, vizinha”, do político e insinuante “como vai, dom Pascual?”. E dom Pascual sorri e alisa os bigodes, que bem sabe por que o “ragazzino” lhe pergunta como vai. Chegaram as noites...

Eu não sei o que esses bairros portenhos têm... tão tristes de dia sob o sol, e tão lindos quando a lua os percorre obliquamente. Eu não sei o que eles têm. Sejam os humildes ou os inteligentes, desocupados ou ativos, todos nós gostamos desse bairro com seu jardim (lugar para a futura sala) e suas garotinhas sempre iguais e sempre distintas, e seus velhos, sempre iguais e sempre distintos, também.

Encanto mafioso, doçura rastaquera, ilusão baratieri, sei lá eu o que todos esses bairros têm! Esses bairros portenhos, compridos, cortados com a mesma tesoura, todos parecidos, com suas casinhas vagabundas, seus jardins com a palmeira ao centro e um mato semiflorido que perfuma como se a noite arrebesse por eles a paixão que encerram as almas da cidade; almas que só sabem o ritmo do tango e do “te amo”. Embuste poético; isso e algo mais.

Alguns pirralhos que jogam bola no meio da rua; meia dúzia de desocupados na esquina; uma velha cabreira numa porta; uma menor que espreita a esquina, onde está a meia dúzia de desocupados; três proprietários que driblam cifras em diálogo estatístico diante do botequim da esquina; um piano que solta uma valsa antiga; um cachorro que, atacado repentinamente de epilepsia, gira em círculos, extermina a dentada uma colônia de pulgas que ele tem junto das vértebras da cauda; um casal na janela escura de uma sala; as irmãs na porta e o irmão complementando a meia dúzia de desocupados que vagabundeiam na esquina. Isso é tudo e nada mais. Embuste poético, encanto mixo, o estudo de Bach ou Beethoven junto a um tango de Filiberto ou de Mattos Rodríguez.

Isso é o bairro portenho, bairro profundamente nosso; bairro que todos nós, chinfrins ou inteligentes, levamos metido no tutano como uma bruxaria de encanto que não morre, que não morrerá jamais.

E junto de uma porta, uma cadeira. Cadeira onde repousa a velha, cadeira onde repousa o “velho”. Cadeira simbólica, cadeira que se empurra

trinta centímetros mais para um lado quando chega uma visita que merece consideração, enquanto a mãe ou o pai diz:

— Menina, traga outra cadeira.

Cadeira cordial da porta da rua, da calçada; cadeira de amizade, cadeira onde se consolida um prestígio de urbanidade cidadã; cadeira que se oferece ao “proprietário do lado”; cadeira que se oferece ao “jovem” que é candidato a namorar; cadeira que a “menina” sorrindo e com modos de dona de casa oferece, para demonstrar que é de família; cadeira em que a noite do verão estanca numa voluptuosa “pachorra”, em bate-papo agradável, enquanto “estrila a da frente” ou murmura “a da esquina”.

Cadeira onde se eterniza o cansaço do verão; cadeira que forma uma roda com outras; cadeira que obriga o transeunte a descer para a rua, enquanto a senhora exclama: “Mas, minha filha! Você está ocupando toda a calçada”.

Sob um teto de estrelas, dez da noite, a cadeira do bairro portenho afirma uma modalidade cidadina.

No respiro das fadigas suportadas durante o dia, é a armadilha onde muitos querem cair; cadeira engrupidora, agarradora, sereia de nossos bairros.

Porque se você passava, passava para vê-la, nada mais; mas se deteve. Onde já se viu não cumprimentar? Como ser tão descortês? E fica um tempo proseando. Que mal há em falar? E, de repente, lhe oferecem uma cadeira. Você: “Não, não se incomodem”. Mas qual, a “menina” já foi voando buscar a cadeira. E uma vez que a cadeira está ali, você continua conversando.

Cadeira engrupidora, cadeira agarradora.

Você se sentou e continuou conversando. E sabe, amigo, onde às vezes essas conversas vão acabar? No cartório.

Tome cuidado com essa cadeira. É agarradora, fina. Você se senta, e fica bem sentado, sobretudo se ao lado se encontra uma moça. E você que passava para cumprimentar! Tenha cuidado. A coisa começa por aí.

Depois, tem a outra cadeira, cadeira de cortiço, cadeira de “velhos”, carcamanos e galaicos; cadeira de palhinha, cadeira onde ex-varredores e peões municipais fazem filosofia barata, todos em mangas de camisa, todos, cachimbo na boca. A lua lá em cima sobre as frentes rapadas. Um bandoneón ressoa broncas carcerárias em algum quintal.

Em um quício de porta, porta caiada como a de um convento, ele e ela. Ele, do Esquadrão de Segurança; ela, passadeira ou costureira.

Os “velhos”, funcionários públicos da carroça, da pá e do escovão, ficam de conversa fiada sobre “erogoyenismo”, um ego presidencial. Algum moço matreiro medita na soleira de uma porta. Alguma *criollaza* gorda pensa

amarguras. E esse é outro pedaço do nosso bairro. Esteja tocando *Cuando llora la milonga* ou a *Patética*, pouco importa. Os corações são os mesmos, as paixões as mesmas, os ódios os mesmos, as esperanças as mesmas.

Mas tenha cuidado com a cadeira, sócio! Pouco importa que seja de Viena ou que seja de palha brava do Delta: os corações são os mesmos...

11 dez. 1929

O PRAZER DE VAGABUNDEAR

Começo por declarar: acredito que para vagabundear é preciso ter excepcionais condições de sonhador. Já o disse o ilustre Macedonio Fernández: “Nem toda vigília se faz de olhos abertos”.

Digo isso porque há desocupados e desocupados. Vamos nos entender. Entre o “pé-rapado” de botinas mal-ajambradas, cabeleira ensebada e adiposidade com mais gordura do que um carro de magarefe, e o vagabundo bem vestido, sonhador e cético, há mais distância do que entre a Lua e a Terra. Salvo se esse vagabundo se chamar Máximo Gorki ou Jack London ou Richepin.

Antes de mais nada, para ser um desocupado é preciso estar despido por completo de preconceitos, e depois ser um tiquinho cético, cético como esses cães que têm olhar de fome e que, quando são chamados, balançam a cauda, mas em vez de se aproximarem, se afastam, colocando entre seu corpo e a humanidade uma respeitável distância.

Claro está que a nossa cidade não é das mais apropriadas para o vagabundeio sentimental, mas o que se há de fazer!

Para um cego, desses cegos que têm as orelhas e os olhos bem abertos inutilmente, nada há para ver em Buenos Aires, mas em compensação, como são grandes, como são cheias de novidades as ruas da cidade para um sonhador irônico e um pouco alerta! Quantos dramas escondidos nos sinistros apartamentos! Quantas histórias cruéis nos semblantes de certas mulheres que passam! Quanta canalhice em outras caras! Porque há semblantes que são como o mapa do inferno humano. Olhos que parecem poços. Olhares que fazem pensar nas chuvas de fogo bíblico. Tontos que são um poema de imbecilidade. Malandros que mereceriam uma estátua por cavador. Assaltantes que meditam suas trapaças detrás da vidraça turva, sempre turva, de uma leiteria.

O profeta, diante desse espetáculo, se indigna. O sociólogo constrói indigestas teorias. O palerma não vê nada e o vagabundo se regozija. Entendamo-nos. Regozija-se diante da diversidade de tipos humanos. Sobre cada um pode-se construir um mundo. Os que têm escrito na testa o que pensam, como aqueles que são mais fechados do que uma ostra, mostram seu pequeno segredo... o segredo que os move pela vida como fantoches.

Às vezes o inesperado é um homem que pensa em se matar e que, o mais gentilmente possível, oferece seu suicídio como um espetáculo admirável, no

qual o preço da entrada é o terror e o compromisso na delegacia do bairro. Outras vezes o inesperado é uma senhora se esbofeteando com a vizinha, enquanto um coro de remelentos se agarra às saias das fúrias e o sapateiro da metade da quadra coloca a cabeça na porta da sua biboca para não perder o prato do dia.

Os extraordinários encontros da rua. As coisas que se vê. As palavras que se escuta. As tragédias que se chega a conhecer. E de repente, a rua, a rua plana e que parecia destinada a ser uma artéria de tráfico com calçadas para os homens e pavimentada para os animais e os carros, se transforma numa vitrine, aliás, num palco grotesco e espantoso onde, como nas gravuras de Goya, os endemoniados, os enforcados, os enfeitados, os enlouquecidos, dançam sua sarabanda infernal.

Porque, na realidade, o que foi Goya, senão um pintor das ruas da Espanha? Goya, como pintor de três aristocratas glutões, não interessa. Mas Goya, como animador da canalha de Moncloa, das bruxas de Sierra Divieso, dos vadios monstruosos, é um gênio. E um gênio que dá medo.

E ele viu tudo isso vagabundeando pelas ruas.

A cidade desaparece. Parece mentira, mas a cidade desaparece para se transformar num empório infernal. As lojas, os letreiros luminosos, as chácaras, todas essas fachadas bonitas e regaladoras dos sentidos, desvanecem para deixar flutuando no ar azedo as nervuras da dor universal. E o afã de viajar se afugenta do espectador. Mais ainda: cheguei à conclusão de que aquele que não encontra todo o universo encerrado nas ruas de sua cidade não encontrará uma rua original em nenhuma das cidades do mundo. E não a encontrará, porque o cego em Buenos Aires é cego em Madri ou Calcutá...

Lembro perfeitamente que os manuais escolares pintam os senhores ou cavaleirinhos que perambulam como futuros perdulários, mas aprendi que a escola mais útil para o conhecimento é a escola da rua, escola azeda, que deixa no paladar um prazer agri-doce e que ensina tudo aquilo que os livros não dizem jamais. Porque, desgraçadamente, os livros são escritos pelos poetas ou pelos tontos.

No entanto, passará ainda muito tempo antes que as pessoas percebam a utilidade de tomar uns banhos de multidão e de perambulação. Mas no dia em que aprenderem serão mais sábias e mais perfeitas e mais indulgentes, sobretudo. É, indulgentes. Porque por mais de uma vez pensei que a magnífica indulgência que tornou Jesus eterno derivava de sua contínua vida na rua. E de sua comunhão com os homens bons e maus, e com as mulheres honestas e também com as que não o eram.

ENGANANDO O TÊDIO

Entre o pomposo teatro de variedades com letrados de ozônio e o barracão fuleiro, onde se exhibe a penúria transcontinental da variedade bufonesca e ambiente, media toda uma gama de antros mais ou menos qualificáveis e interessantes.

Mas, sem disputa alguma, o mais sugestivo dos teatrinhos fuleiros é aquele salão equívoco, mistura de circo e de taberna milagreira, onde se acomodam nas mesas insígnies malandros e desocupados, que, por umas moedas, tomam um banho de arte adequado à sua imaginação.

O teatrinho de quinta se caracteriza em nossa cidade por estar situado no centro da mesma ou numa de suas artérias principais.

Um sonso vestido de hindu toca um bumbo com mais alavancas do que uma locomotiva, enquanto, às suas costas, em espelhos convexos e côncavos, os palermas se contemplam gordos como laranjas ou pernaltas e flexíveis como palmeiras.

Do outro lado da barraca, um passador de chapéus estraga conscienciosamente os “fungis” de econômicos cidadãos, enquanto os ajudantes de um engraxate vociferam seu sacramental e ensurdecedor:

— Entre, cavalheiro... que não vai lhe acontecer nada! Ennnntreee....!

A penúria de todas as classes comerciais está ali irmanada do modo mais absurdo e pitoresco.

Um ex-ladrão se dedica a fabricar chaves Yale em três minutos, e no balcão costumam encostar insígnies esbrunchantes em busca de chaves para seus ofícios e negócios; um gravador romano e famélico talha em alumínio o nome de qualquer palerma que não sabe em que jogar dez centavos, enquanto um prodigioso velhaco, de nariz vermelhão e barba de peixe antártico, distribui o programa do teatrinho de variedades, assoando o nariz com os dedos da mão direita.

O programa é uma baba de internacionalismo fraternizado com a urgência da fome e da lorota.

Canta “La Cielito”, cantora espanhola de toadas, que cantou diante de Suas Majestades e Altezas Reais da Espanha. Faz um número cômico o patife do Franfrucheli, cavaleiro italiano “que é um esbanjamento de graça”; dançará La Dolores, “Rainha da Algazarra”; em seguida, “La Maleva”, acompanhada

de violões pelo professor XX. O professor XX é um insígne malandro, com guizos de assassino e pontas de ladrão, no dizer do Quixote. Tem a cara cruzada por um talho formidável e a melena lhe cortando a testa como um revés de betume.

Em seguida, prosseguem “Os Irlandeses”, com canções típicas; as duas “Irmãs Búlgaras”, que cantarão música nacional (da Bulgária, entenda-se); e, por último, “La Palazzini”, exímia soprano “napolitana”.

Lá dentro, meia dúzia de agentes de investigações monta guarda. Têm cara de assassinos, de ladrões e de trapaceiros. Fazem um círculo em torno das mesas e esperam a chegada de duvidosos clientes, que são autênticos ladrões e assassinos de verdade. Um sino, um bumbo, a Marcha Real Espanhola, o Hino Nacional e um pasodoble dão o tom no salão quase vazio. Um salão escuro, onde a curriola de meganhas sugere um quadro de romance de Ponson du Terrail.

Um que outro entediado vai entrando no pátio de Convenções.

Ora é um chofer com o carro na garagem; uma empregada de férias; dois porteiros que querem cultivar seus conhecimentos estéticos escutando “La Cielito” e a “Rainha da Algazarra”; em seguida, um napolitano com patente de carrinho de verduras e uns bigodes com jeito de cimitarras. Seguem-se dois desocupados que podem ser qualquer coisa, menos pessoas decentes. Sentados em suas respectivas mesas, três colegiais com pinta de cabuladores de aula; um filósofo que procura mulheres a quem regenerar e que se enganou de caminho, pois devia entrar no Exército da Salvação; mais tarde um homem com perna de pau, que deve esconder cocaína na extremidade apócrifa; um jornalista; um pai de família com sua respeitável e gorda cônjuge. O público aumenta, enquanto os patifes da orquestra insinuam o prelúdio de um pasodoble, e o do violino adota posturas sentimentais de gênio em desgraça. O garçom faz arabescos e cabriolas para atender as mesas que vão se enchendo. A curriola de “tiras” rastreia como os cães atrelados quando farejam a caça.

Aos acordes da Marcha Real Espanhola, corre-se o imundo pano e, em seguida, já caída, se abanando, fazendo caretas com a fuça, aparece a soprano “napolitana”: uma tipa, ex-cozinheira, a quem lhe deu essa loucura, e que canta arrebatando os tímpanos desse público afeito aos uivos mais extraordinários.

O público ri e se diverte. A pobre-diaba compreende que está fazendo um papelão, mas o que se há de fazer? A laringe não dá para mais que isso, e ela tem que comer.

Desaparecida essa Fúria, aparece “La Maleva” e o professor XX de violão. Quando o professor vê a curriola de meganhas, fica verde; em seguida, ajusta o

violão; e turbulenta, “trapaceira” e feia como o diabo, aparece “La Maleva”, se esganiçando num tango feroz. A tribo dos jornaleiros vocifera de entusiasmo. O professor de violão solta as cordas e a moça, de vestido colorido e fita verde no cabelo, enrouquece de entusiasmo.

Finalmente, aparecem “Os Irlandeses”, que não são irlandeses nem nada, mas dois pilantras que rosnam com sotaque catalão, sabe-se lá que gíria infernal, e que se valem de um terno e meio fraque para atuar nos palcos como artistas. O público joga amendoins neles e os perdulários vão embora, com toda a tralha, para outro lugar.

E tudo ali é triste e batido. Refúgio da penúria e do fracasso, o teatrinho de variedades do centro é como uma ilhota de quinta, da bebida e do mau gosto. E, no entanto, as pessoas vão para lá. Vão porque ali se entediam pensando que se divertem. E todos nós gostamos de nos enganar, ora essa!

26 set. 1928

GANGUE

Não me refiro ao magnífico tango de De Caro, que é o que há de mais carcerário e mafioso que conheço em questão de milongas. Tango lindo demais para ser tango; tango onde ainda persiste o cheiro de fera e o tumulto raivoso do "xadrez". O que lamento é não conhecer a letra. Não importa. Vamos ao que interessa.

Começa com estas únicas palavras de que me lembro: "Por tuas gangues, você se perdeu". Facinerosa realidade das "gangues". Perdição autêntica. "Por tuas gangues", quantos na prisão!

Começaram de pirralhos a se dar com adultos. Com adultos assassinos, ladrões, escrunchantes e lanceiros. Com descuidistas e furqueiros, com moços "atrevidos" e "mãos leves"! Só vendo o que significa isso de "atrevido" e "mão leve"! Em idioma caseiro, atrevido e mão leve são um qualificativo ingênuo; na gíria, quando um homem do meio diz de um fulano que é "atrevido" ou "mão leve", é como se dissesse... Bom, continuemos.

Começaram de pirralhos. O velho, pedreiro; a mãe, lavadeira. Começaram de pirralhos. Sempre estacionados no boteco da esquina, onde tomavam sol. Aqueles, mais velhos que tinham um prestígio tremendo, tanto prestígio que os remelentos se aproximavam sozinhos da mesa onde se carteava um monte com lance ou um truco com refrão. Aqueles, molengas e silenciosos, a guimba pendurada no vértice do lábio, a peixeira assentando-se nos rins, algumas vezes contando histórias, agindo sempre mais do que falando; eles, os pirralhos, criando admiração, odiando a "cana", sonhando com esse xadrez onde se ensinava a roubar, onde os vivaldinõs agarravam um "bocó" para lhe ensinar a "lancear", colocando talas nos dedos durante vinte e cinco horas, aprendendo assim os procedimentos para esconder a gaita, para simular a doença, aprendendo o "vademecum" do perfeito ladrão e safado, se extasiando como diante de histórias dignas da imortalidade, ante aos delitos do vesgo Arévalo, do Inglesito, de todos os que foram e já não são.

Desde pirralhos começaram na "ganguê". Depois foram se desgarrando. Primeiro foi um roubinho insignificante: duas gravatas num turco que vendia meias e rendas; depois venderam jornais por três dias e se deram conta de que vender jornais não era sopa. Largaram o jornalismo para se meter decididamente no "descuido" e começaram a bater carteiras nas feiras, a levar

as burras dos botecos, e depois a vender frascos de água de colônia que não era nem colônia nem muito menos água suja. Foram em cana uma vez; depois se juntaram com malandros maiorzinhos e, numa batida, caíram na delegacia. Com trinta dias, saíram. Ou para o Reformatório; e no Reformatório, em vez de se reformar, ficaram amigos de safados pur-sang, de assassinos embrionários e assaltantes em flor, e sobre Reformatório e leis e juiz de menores, aprenderam de memória que o juiz pode ser um otário, que o único que merece respeito é o fiscal e o defensor, e nem de brincadeira pensaram em trabalhar, que o trabalho não tinha sido feito para eles que tinham sangue e instintos de feras, através de três gerações de pais degenerados. E um ano de academia criminal no Reformatório lhes serviu para se orientar definitivamente, e quando saíram ou fugiram e chegaram no bairro, já os maiorzinhos, aqueles que não tinham ido ainda para o presídio de Ushuaia, os empregaram como campanas e saíram para correr a “lança” em bondes e trens. Se tornaram célebres. Ouviram frases como esta, de um lanceiro, que dizia a um cidadão que tinha encontrado a mão de um gatuno no seu bolso:

— Deixa ele, senhor, que é aprendiz.

Ou também aquela outra de um batedor de carteira que jogou na cara de um assaltado:

— Do que está reclamando, infeliz? Se você é mais duro que uma pedra.

A mãe chorava de pena. Sempre dizia:

— Não é que eu não lhe tenha ensinado o bem, não. São as más companhias.

A “ganguê”.

Pobre velha: as más companhias. Ou senão:

— Não é ele, que é bom. São os amigos... “esi furbanti”. Sempre, sempre eles... arrastam ele... que é bom... tem um bom coração...

Pobre velha, engrupida pelo filho malandrão, achando que o filho é bom! Lembro que uma noite, numa ladra tertúlia, um facínora me contava que noticiado um velho de que o filho tinha sido detido numa indagação de assalto, aquele se apresentou na delegacia, perguntando pelo menor, nestes termos:

— Onde está o meu Anquelito?...

O auxiliar retrucou:

— Outro Anquelito!... Anquelote, ficou sendo seu filho!...

Os velhos são os únicos que não acreditam na malandragem do filho. São os únicos que respondem, a qualquer má lembrança:

— Não é ele, são as companhias que o arrastam.

Vocês se lembram de Cantizano, o que matou o alfaiate Fábregas a marteladas, na companhia de outro “menininho” estupendo? Pois a pobre mãe

ainda acredita que o filho é bom. Acredita que são os amigos que o levaram para a ruína...

Bom, para isso são mães. Para isso sofreram para criá-los. Para isso passaram noites sem dormir, beijando esses pirralhinhos que mais tarde seriam grandes, facínoras, turbulentos, azedos, malvados. Para isso são mães; para isso pariram, com dor e miséria.

Explica-se que digam: “Não são eles... são os amigos, a “ganguê”.

2 fev. 1930

O CORTIÇO DA NOSSA LITERATURA

Não faz muito tempo, num de seus artigos de estética — que o que menos tem é isso —, o senhor Leopoldo Lugones se queixava de que os nossos escritores se dedicassem a descrever a miséria, influenciados pelo “bolcheviquismo”, segundo ele.

Antes de mais nada, é necessário fazer constar que o senhor Lugones é um literato que mudou muitas vezes de opinião. Isso seria desculpável se as opiniões do senhor Lugones tivessem um valor definitivo para a sociedade em que vive; mas não. Seguiu os ventos de sua época e a isso acrescentou volumes de frases brilhantes. É indiscutível que ninguém ganha dele em pirotecnia. É um mestre nisso de encher a bola.

ISSO É O PARAÍSO

Muitos se dirão: o que o cortiço tem a ver com tudo isso que estou escrevendo? Mas já chegaremos ao ponto.

O senhor Lugones encontra bolcheviques em escritores que, como Mariani, Barletta, Castelnuovo, Tuñón¹ e eu, talvez, se ocuparam da imundície que torna triste a vida desta cidade.

O senhor Lugones acha ruim que todos os rapazes de esquerda, isto é, do grupo chamado de Boedo, se ocupem da miséria e da angústia dos homens argentinos. Ele prefere as frases, as rimas de azul de metileno com as durezas do tungstênio e outras combinações do gênero, que, com um pouco de dificuldade e outro pouco de engenho, constituem qualquer estudante avantajado.

E as prefere porque mentalmente está constituído para isso e porque tudo de útil que deixou de escrever, tendo podido fazê-lo, resolve-se em seu

¹ Para Mariani, ver nota 1 em “A tristeza do sábado inglês”, e para Tuñón, ver nota 3 em “Oficina de restauração de bonecas”. Leónidas Barletta (1902-1975), membro chave do grupo Boedo, foi um dos mais enfáticos propagandistas e praticantes da literatura social e proletária dos anos 1920 em Buenos Aires. Fundou, em 1930, o Teatro del Pueblo, onde Arlt encenou onze de suas peças (apenas uma delas, *El fabricante de fantasmas*, foi encenada em outro teatro). Elías Castelnuovo (1893-1982), uruguaio, de família proletária, muito jovem se instalou em Buenos Aires. Autor de contos, romance e peças teatrais, colaborou assiduamente nas revistas do grupo Boedo. O anarquismo, a arte proletária e os autores russos do século XIX marcam toda sua obra. Castelnuovo fazia parte do círculo de conhecidos de Arlt.

entendimento, que não pode admitir senão que o caminho que seguiu é o verdadeiro.

Isso não teria importância se não desviasse o critério dos leitores, sobretudo daqueles leitores para quem a letra da imprensa ou uma assinatura que fez barulho em torno de si são artigos de fé.

SEJAMOS JUSTOS

Eu tive a bendita sorte de nunca morar num cortiço; mas, em contraposição, morei sempre bem longe da cidade, nos extramuros, se se quiser; nos lugares onde às vezes se assalta em pleno dia; mas onde há campo, luz, sol, vento e barro.

E confesso; cada vez que eu passo pela rua Venezuela ou Brasil não posso deixar de estremecer ao olhar esses cortiços espantosos, onde a imundície encheu de lepra as paredes e onde, em cubículos horríveis, sobre tocas de ratos, vivem dezenas e dezenas de famílias.

E então eu pensei:

— Dentro de vinte anos, os que agora são crianças serão homens; escreverão, e os Lugones do futuro acharão pouco artístico que esses homens de então, que são os meninos de hoje, falem do cortiço, da miséria e de toda essa cidade que a incúria dos nossos políticos que recebem propinas deixaram para a mancha da urbe.

Os cortiços!

Eu, em meu caráter de cronista, entrei em todos os lugares e, sobretudo, nos cortiços. E enquanto ouvia as explicações de seus habitantes, eu não prestava atenção na conversa, mas pensava:

— Como é que essas pessoas podem resistir à vida toda nessas condições? Como essas mulheres jovens, esses proletários que não parecem grosseiros, se resignam a viver anos e anos em dezesseis metros quadrados de chão podre, com tetos onde pululam as pulgas e as aranhas, à sombra de uma muralha coberta de alcatrão, que é cem vezes mais detestável do que a de uma fábrica, suportando a convivência forçada com toda classe de indivíduos?

Mas não, essas coisas incomodam o senhor Lugones. Ele prefere os versos lindos, as rimas de tungstênio e metileno.

Realmente, se a vida não é um sainete, que Deus o diga.

ESTÁ CLARO ENTÃO...

Está claro então que a juventude que pensa um pouco, e que sabe expressar o que sente, tenha uma orientação que deriva para a miséria, para o cortiço, para a angústia. Como não falar dessas coisas? Caramba! Se são as que saltam aos olhos diante da sensibilidade de todo homem que tenha um pouco de coração. Isso não tem nada a ver com os russos. Se os russos nunca tivessem falado em miséria, a honra de tê-lo feito caberia a nós, os escritores argentinos da atual geração, não a do senhor Lugones. A geração que corresponde à época do senhor Lugones fez frases. Cantou para as ninfas, para as estrelas, para o buxo e para o relógio, e viveram contentes, satisfeitos, encantados da vida e seguros da sua imortalidade.

Tão seguros que constituíram cenáculos literários e nem por brincadeira lhes ocorreu olhar para o lado. E olhe que eles conheceram uma Buenos Aires que devia ser espantosa, com seus bairros característicos, seus compadres e a canalha aristocrática que formava a curriola.

Como os senhores que pensam numa lua de “patacoada” e numa ninfa de “lorota” vão falar ou escrever sobre cortiço? Para eles, isso é se rebaixar. Menosprezar a dignidade poética. Escrever sobre o cortiço? Que horror!

Mas essas pessoas que não tiveram coração para se apiedar somam a esse pecado de insensibilidade este outro, mais grave: o da inveja e impotência. Eles, que se esqueceram que no coração da cidade havia esse câncer que se chama cortiço, não querem agora que os novos, os rapazes, falem disso. Escrever sobre o cortiço quando se pode rimar marfim com carmim.

Mas devo lembrar de dois homens que, em sua oportunidade, se lembraram dessas moradias sórdidas onde floresce a flor da miséria: Luis Pascarella foi um, em seu livro intitulado *O cortiço*; e Francisco Sicardi² o outro, num volume chamado *O livro estranho*. Eram dois homens com espírito jovem, onde ainda germinava a rebelião, que é e será, por todos os séculos, o melhor privilégio da juventude que não pode se furtar às dores humanas.

21 dez. 1928

² Francisco Sicardi (1856-1927), romancista, contista e poeta, é lembrado unicamente por esse romance citado por Arlt.